

HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E CULTURA NA ETNIA XAVANTE

Marcelo N. Melchior – PPG-UCDB
melchior@ucdb.br

1-Uma Visão Histórica da Aldeia de Sangradouro MT.

A colônia de São José, localiza-se (aproximadamente) a uns 250 Km da capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá. Segundo a Crônica da casa, ela está à margem direita do rio Sangradouro (afluente de margem direita do rio das Mortes) à 75 léguas de Cuiabá¹.

Os padres salesianos em Cuiabá tinham uma grande amizade com um doutor que se chamava Joaquim Manoel dos Santos, esse médico era muito estimado e considerado em Cuiabá, por ser uma pessoa que contribuía com as necessidades do povo, sempre estava inserido em projetos sociais, principalmente naqueles onde os salesianos assumiam frente.

Doutor Joaquim tinha uma fazenda no Mato Grosso, fazenda essa, que servia de apoio e parada obrigatória para os padres salesianos, pois era caminho da missão dos tachos², com os índios Bororo. Como a fazenda era situada exatamente na metade do caminho, os missionários recuperavam suas forças nesse ambiente, antes de seguirem em frente. Eram muito bem atendidos pelos funcionários, enfim, os padres se sentiam em casa.

Com todo esse contato, o médico sempre oferecia essa fazenda aos salesianos para que a comprassem e ali fizessem uma comunidade religiosa para também atender os moradores da redondeza, que eram muitos, mas viviam e afastados um dos outros principalmente pela distância, e os meios de locomoção que também eram precários.

O principal centro de estudos era Cuiabá, não existia nada na redondeza, a situação não era a das melhores. Outra população que ali existia era a dos Bororo, índios que habitavam os cerrados dessa região, e já estavam sendo atendidos pelos missionários salesianos.

A crônica da casa diz o seguinte:

¹ Dados recolhidos da crônica da casa Salesiana de São José – Sangradouro MT.

² Missão Salesiana localizada a 250 Km ao leste de Sangradouro; trabalho de “evangelização” com os índios Bororo.

O Drº Joaquim desejava vender a fazenda aos salesianos, pois achava que se tornado um futuro campo de missão, por estar a fazenda bem encostada ao território habitado pelos índios bororos. Por falta de dinheiro os salesianos protelavam sempre a proposta, sem contudo perder de vista a ocasião.

Em março de 1906 achando-se doente o Dr Joaquim e temendo morrer sem ter efetuado o seu desejo, fez chamar a sua cabeceira o Pe. Manoel de Oliveira e o Pe. Felipe Papalardo e...obrigou-os a receber quase de presente a sua fazenda.

Pe. Antônio Malan, inspetor de Mato Grosso, estava em viagem para a Itália, mas deixara aqui o Pe. Manoel Gomes de Oliveira, diretor do Liceu Salesiano de Cuiabá com poderes para governar inteiramente a inspetoria.

Pe. Manoel aceita a proposta e assina o contrato de posse já de antemão preparado pelo Dr. Joaquim.

A fazenda media 20.000 (vinte mil hectares), possuía 500 cabeças de gado 100 (cem) muares, 50 (cinquenta) ovelhas.

Possuía ainda uma casa de alvenaria, cômoda espaçosa com bela varanda.

Condições de compra: 40 (quarenta) contos, pagar quando puder, sem entrada inicial e sem juros...

Três dias depois morria o Dr. Joaquim Manoel dos Santos, mas o contrato estava feito.

Dentre todos os questionamentos e interrogações, os salesianos assumem definitivamente a fazenda, que fora praticamente doada pelo doutor.

Pe. João Bálzola é nomeado para ser o primeiro diretor de Sangradouro. Após ser delegado a cumprir essa tarefa mais do que depressa convida algumas famílias dos Tachos para residirem em Sangradouro.

2- A CHEGADA DOS XAVANTE EM SANGRADOURO MT.

No dia 24 de fevereiro de 1957, chegou em Sangradouro um grupo de índios Xavante, segundo conversas de pessoas que viveram nessa época, descrevem que mal conseguiam parar em pé de tanta fome e cansaço. Esses que conseguiram chegar eram muito jovens, e o mais importante, foram guiados por apenas um ancião. Percebemos o quanto a figura do idoso é fundamental nessa cultura, ela é muito valorizada e respeitada por todos os integrantes da sociedade.

Nelle scorse Febraio, precisamente il 24 de febraio, sono giunti a Sangradouro una settantina de Chavantes, spint piú dalla fame e dalla procura di rimedi, Che dalle minaccie delle tribú limitrofi, loro nemiche, come i Ciarentes. (...) nella stragrande maggioranza predominano i bambini (aiutéri) e gli uomini (iprédu), com um solo Vecchio sui settantaaniⁱⁱ.

Com a chegada dos Xavante, os missionários dedicaram total atenção para eles. A comunidade salesiana acolheu com muito carinho os Xavante, houve uma grande recepção e aceptividade em ambas as partes. Se os missionários fechassem as portas, com toda

certeza esse grupo que reside em Sangradouro, não existiria, mesmo que tivessem continuando e se instalassem em outra região, não sobreviveriam pois estavam muito doentes.

3- A Educação Escolar Indígena Xavante na Aldeia de Sangradouro –I Algumas Reflexões.

No mundo dos não-índios, temos a escola como marco referencial na vida dos seres humanos. Experiências são adquiridas nesse espaço, o que torna e principalmente impulsiona a busca de novas descobertas, fundamentalmente no que se refere aos primeiros contatos, quando as impressões que são assimiladas tornam-se uma novidade.

Essa é a perspectiva de análise das crianças, tudo o que se está posto é tomado como marco referencial, no contexto hodierno desse ser que começa aos poucos, ser um agente idealizador de sua história.

A escola é um dos lugares consagrados à formação do indivíduo e a sua integração numa comunidade de iguais. É graças a ela que o indivíduo pode transcender seus laços familiares, étnicos ou consuetudinários e criar um sentimento de pertença a uma identidade mais abrangente: a nação, a república. A Educação tem igualmente a missão de conduzir a pessoa ao pleno amadurecimento de suas capacidadesⁱⁱⁱ.

Dessa forma, o indivíduo passa a se estruturar tendo um desenvolvimento amplo das diversas fontes de autonomia, despertando a responsabilidade como também os critérios na qual a liberdade se encontra presente na vida humana.

Refletimos sinteticamente o significado da escola para os não-índios, podemos agora delinear algumas perspectivas de reflexão a respeito da escola indígena, será que os critérios poderão ser os mesmos para pessoas que trazem consigo fatores culturais diferenciados? Como é realmente representada a escola indígena?

Por ser a Escola um espaço criado pela sociedade dominante, para forjar homens que aceitem a relação de dominação/submissão, mantendo os quadros situacionais em favor do “progresso” e da “civilização”; por introduzir formas culturais diferentes e parâmetros alheios aos indígenas; por ajudar muitas vezes a “demolir” suas tradições culturais, substituindo-as por outras; consideramos a Escola e todo o aparato que a compõe como tendo um caráter de “Frente” de conteúdo ideológico^{iv}.

Expressa-se, assim o caráter implicativo e ao mesmo tempo “destruidor” que a escola pode provocar dentro de uma sociedade indígena, pois as tradições culturais do grupo podem ser gravemente “abaladas” devido a um outro espaço que se insere no meio.

No caso da escola de Sangradouro, ela também não deixa de ser diferente, pois a mesma é causadora de algumas posturas contrárias à tradição, que foram tomadas dentro da aldeia, ocasionando que os anciãos (numa perspectiva histórica da etnia Xavante) deveriam ser os portadores de conhecimento, mas devido a caracterização do problema e interferência do meio, eles se sentem inferiorizados para transmitir os conhecimentos da cultura.

Nesse contato com o mundo não-indígena, a escola tem prejudicado o tempo de transmissão original das tradições indígenas, com prejuízo da formação e educação próprias da etnia. Tendo por fim como já citamos a “desvalorização” dos anciãos dentro da sociedade Xavante por não possuírem tantos conhecimentos a transmitir em comparação com os agentes missionários e professores indígenas. Atualmente, porém, tem-se procurado um caminho conciliador entre escola e ensino tribal, pelo que os anciãos têm recuperado parcialmente seu prestígio de mestres da vida e seu lugar inclusive na escola, como mestres do saber.

Contudo a educação que os anciãos transmitem, no caso em Sangradouro, podemos dizer que ainda conseguem atingir os objetivos, que é a garantia da transmissão dos valores. Os Xavante prezam muito pela preservação de sua cultura, desde criança, aprendem a valorizar o seu povo e, principalmente, a ter orgulho de serem índios Xavante.

Vemos a necessidade, como também um desafio para a implantação de uma educação escolar indígena diferenciada, as escolas nas aldeias não podem, portanto, ser vistas meramente como instituições fora do contexto do grupo, ou até mesmo alheias às especificidades da etnia na qual se faz presente.

A constituição brasileira atualmente em vigor garante aos índios uma educação respeitosa de suas línguas e culturas, de seus modos próprios de viver e pensar, de valorização de seus conhecimentos e dos processos próprios de sua produção e

transmissão. Isso significa o reconhecimento ao direito a uma “educação diferenciada e específica, intercultural e bilíngüe”^v.

Com base nessa diferenciação e especificidade, o governo deve garantir tal espaço, para que realmente possa se alcançar os objetivos propostos, dessa forma obteremos respostas e resultados na educação escolar indígena .

4- Aspectos Culturais da Etnia Xavante

O ser humano como bem sabemos é o sujeito da sua história porque ele mesmo é criador de sua cultura, nesse enfoque observamos que a cultura se torna de um certo modo um processo acumulativo, resultante de toda a experiência humana, isso, historicamente falando das gerações que nos antecederam. Todo esse processo, torna-se um limite ou um inverso, podendo também, se tornar um estímulo para o indivíduo. O Xavante é um ser que faz história e cultura e está em contínua mudança.

[...] O homem – sujeito que produz a cultura – define-se mais por significá-la como um ato consciente de afirmação de si mesmo, senhor do seu trabalho e do mundo que transforma, do que transforma, do que por simplesmente fazê-la de modo material. Antes de ser machado o objeto é o seu símbolo, logo, a relação simbólica entre ele e o homem, entre o homem e seus símbolos. É isto que torna o homem um “ser histórico”, um ser que não está na história, mas que a constrói como produto de um trabalho e dos significados que atribui, ao fazê-lo: ao mundo, à sua ação e a si mesmo, vistos no espelho de sua prática^{vi}.

A vida e a história de cada povo estão em contínua mudança e concomitantemente com elas também mudam as manifestações culturais. Não é que tudo seja completamente modificado e renovado.

A manifestação cultural é impulsionada por cada indivíduo dentro de um específico grupo, toda manifestação possui um lugar exclusivo, sendo bem determinado, isso faz com que os acontecimentos fiquem registrados na história, e os fatos nunca poderão ser apagados no lugar em que foram realizados.

Os fenômenos culturais, deste ponto de vista, devem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural [...] Enquanto formas simbólicas, os fenômenos culturais são significativos assim para os atores como para os analistas. São fenômenos rotineiramente interpretados pelos atores no curso de suas vidas diárias e que requerem a interpretação pelos analistas que buscam compreender as características significativas da vida social.^{vii}

Dentro da perspectiva Xavante, os fenômenos culturais são produzidos, transmitidos e recebidos por todos os membros do grupo, evoluindo assim os indivíduos numa forma simbólica significativa, no cotidiano das experiências desenvolvidas na aldeia, pelos próprios integrantes da sociedade.

A percepção que um indivíduo tem de si mesmo e de sua individualidade depende de estruturas cognitivas, esquemas corporais, afinidades comuns e outras qualificações inscritas num quadro que emerge somente no decurso de interações com os membros de seu grupo de pertença e dos outros grupos sociais. Em outros termos, a própria capacidade de um indivíduo de se pensar como indivíduo e definir as qualificações desta individualidade é amplamente determinada por suas interações e experiências sociais^{ibidem}!

Os Xavante sabem da importância que cada indivíduo possui dentro da comunidade, principalmente nas questões pelas quais se referem e enquadram no processo de negociação que é utilizado pelo indivíduo em suas interações com membros de outros grupos.

Os mecanismos adquiridos com o contato intercultural, são unicamente e individualmente vivenciados, e de um certo modo retransmitidos para os demais componentes do grupo, sofrendo em alguns casos, reflexos não contributivos para a própria cultura, e nesse caso particularmente a cultura Xavante vem sofrendo algumas interpelações na construção das identidades.

Considerações Finais

Após essas reflexões analisadas numa perspectiva histórica da etnia Xavante, pude traçar um paralelo de dados extremamente significativos das origens da chegada desse povo na aldeia de Sangradouro, que se localiza ao leste do estado de Mato Grosso.

O contato com esse povo, principalmente nos momentos que se tem inteiramente de diálogos com os anciãos, se torna muito enriquecedor. As informações que são adquiridas nas coletas de dados são fundamentais para o êxito da pesquisa, a partir do momento que o Xavante adquire confiança naquele no qual está buscando as informações, o resultado é surpreendente, pois nada se esconde, o retorno das respostas é imediato.

Esta pesquisa que realizei, utilizando a história oral como fonte para coleta de dados, pode contribuir de uma forma mais significativa com os estudos acerca dessa cultura tendo uma maior desenvoltura, como também êxito no trabalho com eles analisados.

Essas reflexões, estão preterivelmente indo em busca de soluções, como também ajudando no patrimônio histórico cultural da etnia Xavante.

Não podemos pensar em uma educação escolar indígena sem locuções com a cultura do grupo, pelo qual se trabalha. Os Xavante de Sangradouro, buscam a interação entre os dois mundos, na esperança de encontrar uma melhor resposta nos confrontos vividos nessa sociedade capitalista, que muitas vezes é injusta e desigual para os menos favorecidos.

Notas

ⁱ CRÔNICA, Casa Salesiana São José MT, ano 1957, p.10.

ⁱⁱ CRÔNICA, Casa Salesiana São José MT, ano1957, p.128.

ⁱⁱⁱ SEMPRINI, Andréa. **Multiculturalismo**. 1ª edição São Paulo: EDUSC, 1999. p.45-6.

^{iv} ASSIS, Eneida Corrêa de. **Escola Indígena, uma “Frente Ideológica”?**. Folha 38 Dissertação de Mestrado , PPGAS/UNB, Brasília, 1981, p.38.

^v BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas, 1998, p.26.

^{vi} BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Como Cultura**.3ª edição Campinas SP: Mercado de Letras, 2002, p.39.

^{vii} THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na era dos Meios de Comunicação de Massa**. 2ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p.181.

^{ibidem}ⁱ, p.101.